

# TEORIA E PRÁTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Jacques Jules Sonnevile

Prof. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia

## 1. O problema.

Em seus aspectos teóricos, a questão da relação entre teoria e prática, no curso de pedagogia, já foi amplamente estudada. É um tema central nas propostas curriculares (1), cujos pressupostos teóricos, em resumo, rejeitam categoricamente a visão dicotômica, em todas as suas formas (dissociativa, associativa ou positivo-tecnológica) (2), e afirmam a unidade indissolúvel entre os dois polos distintos e interdependentes, caracterizada por uma relação simultânea e recíproca (3), e assentada sobre as seguintes premissas: 1) a teoria tem na prática, ao mesmo tempo, sua fonte e sua meta; 2) por sua vez, a prática deve ser entendida como uma atividade consciente e transformadora da realidade social. Deste modo, teoria e prática são os dois componentes da "práxis", entendida como "atividade teórico-prática, ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só artificialmente, por um processo de abstração, podemos separar, isolar um do outro."(4)

Em consequência, nos cursos de pedagogia devem ser rejeitadas as tendências de colocar uma ênfase unilateral na formação teórica ou, ao contrário, na formação prática, ou ainda, na justaposição entre as disciplinas teóricas e as disciplinas práticas (5). Na visão da unidade, a teoria deixa de ser um conhecimento a priori, passando a ser construído a partir das necessidades concretas da realidade educacional, de modo que a prática educacional seja sempre o ponto de partida e o ponto de chegada da reflexão (6). Todos os componentes curriculares do curso de pedagogia devem se articular dentro de uma visão de totalidade da prática pedagógica (7).

Assim resumida, a questão da relação entre teoria e prática nos cursos de pedagogia parece estar equacionada, pelo menos "em teoria". Resta a "prática". Pois não há nenhuma dúvida de que esta questão está longe de ser resolvida nas diversas etapas da sua concretização, tanto nos cursos de pedagogia, quanto no exercício cotidiano da profissão de educador. A grande dificuldade consiste em pôr em prática a unidade indissolúvel entre teoria e prática.

O objetivo deste estudo é a sistematização da vivência concreta da relação entre teoria e prática, no curso de pedagogia. Será analisada, particularmente, a percepção dos próprios alunos do curso, em relação a esta problemática.

As queixas dos alunos sobre a distância entre a teoria e a prática, nos cursos de pedagogia, são conhecidas. Mas, ao nosso ver, não são suficientemente levadas a sério. Às vezes são atribuídas a uma falta de compreensão sobre a verdadeira natureza da relação entre teoria e prática. Neste caso, uma boa explicação resolveria o "mal-entendido". Outra origem destas queixas seria a incapacidade dos alunos de relacionar o conteúdo de cunho eminentemente teórico com o aspecto prático do curso. Bastaria, assim, um trabalho persistente entre professores e alunos para estabelecer esta relação.

É evidente que tais interpretações não atingem o cerne da questão. A unidade entre teoria e prática, no curso de pedagogia, não se realiza em "teoria", nem por discurso, nem através de explicações, mas na prática concreta do curso, que se expressa no próprio conteúdo do curso, particularmente através da aplicação diária do currículo, elaborado para este fim (8).

Deste modo, é preciso, antes de tudo, estudar seriamente em que medida a proposta curricular, referente à unidade entre teoria e prática, se concretiza na prática diária do curso de pedagogia. Um dos caminhos para chegar a isso é, sem dúvida, o estudo do modo como é vivida e percebida esta questão pelos próprios alunos.

## **2. Os Egressos da FAEEBA**

Os dados para o presente estudo são provenientes da pesquisa realizada, no 2º semestre de 1991, entre os egressos da Faculdade de Educação do Estado da Bahia - FAEEBA, da Universidade do Estado da Bahia.

Num universo de 103 ex-alunos, os quais se formaram nos anos de 1989 e 1990, foi selecionada uma amostra de 50 egressos (9). O questionário abordou duas questões básicas: 1) a ocupação profissional dos egressos e sua opinião sobre as condições de trabalho; 2) a opinião dos egressos sobre o curso da FAEEBA e o grau de aproveitamento da formação acadêmica nele recebida (10).

Referente à primeira questão, seguem aqui alguns dados, a fim de situar os egressos no contexto do seu trabalho.

Antes de se formar, ainda enquanto alunos da FAEEBA, a maioria dos egressos (64,0 %) já estava trabalhando no setor educacional (Tabela 1). Isso mostra que, durante o curso de pedagogia, uma parte considerável tinha um conhecimento prático dos problemas existentes no exercício da profissão de educador.

Tabela 1 - Os egressos que trabalhavam, enquanto alunos da FAEEBA, por setor - Salvador, 1991.

SETOR	Nº	%
Educação	32	64,0
Serviço público	5	10,0
Não trabalhavam	13	26,0
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

Depois da formatura, a importância do setor educacional nas ocupações sobe para 86,0% (Tabela 2). A preponderância da rede pública neste setor (64,0%) é igualmente importante, porque corresponde à finalidade básica da FAEEBA, que se propõe a formar recursos humanos para as escolas públicas.

**Tabela 2** - As ocupações profissionais dos egressos da FAEEBA, por setor - Salvador, 1991.

SETOR	Nº	%
Educação - Rede pública	26	52,0
- Rede particular	11	22,0
- Rede pública e particular	6	12,0
Total educação	43	86,0
Serviço público	3	6,0
Não trabalham	4	8,0
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

O que não corresponde às expectativas do curso é o grau de ensino, onde estão trabalhando os egressos da FAEEBA (Tabela 3). As duas habilitações do curso, Pré-escolar e Séries Iniciais, refletem a preocupação primordial da FAEEBA com a educação básica, principalmente a alfabetização. Os dados da pesquisa mostram como apenas 14,0% teve acesso ao ensino na pré-escola (11).

**Tabela 3** - O grau de ensino em que trabalham os egressos da FAEEBA - Salvador, 1991.

<b>GRAU DE ENSINO</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Pré-Escola	7	14,0
1º Grau	33	66,0
2º Grau	5	10,0
<b>TOTAL EGRESSOS</b>	<b>(50)</b>	

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

A maioria (72,0%) dos egressos trabalha como professor em sala de aula, outros 14,0 % estão na direção ou vice-direção, enquanto apenas 12,0 % atuam na supervisão ou coordenação educacional (**Tabela 4**).

**Tabela 4** - As ocupações dos Egressos da FAEEBA no setor educacional - Salvador, 1991.

<b>OCUPAÇÕES</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Regência de classe	36	72,0
Direção e vice-direção	7	14,0
Supervisão/coordenação educacional.	6	12,0
<b>TOTAL EGRESSOS</b>	<b>(50)</b>	

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

Para completar o quadro referente às condições de trabalho, o nível de satisfação em relação à ocupação profissional mostra uma diferença significativa entre o aspecto financeiro, de um lado, e os aspectos profissional e pessoal, de outro lado (Tabela 5). Em termos financeiros, a insatisfação é predominante: são 67,4 % (dois terços) do total dos que trabalham.

Tabela 5 - Nível de satisfação com a ocupação profissional - Salvador 1991.

ASPECTOS	Nível de satisfação (%) (1)		
	Sim	Em parte	Não
Financeiro	4,4	26,0	67,4
Profissional	32,6	52,2	8,7
Pessoal	41,2	52,2	6,5

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

(1) As porcentagens são em relação ao total de egressos empregados (46)

Nos aspectos profissional e pessoal, o número de insatisfeitos cai para 8,7% e 6,5%, respectivamente. Mesmo que deva ser considerado que, nestes dois aspectos, a maioria (58,2 %) se declara somente “em parte” satisfeita, pode-se constatar que uma parcela considerável de egressos (respectivamente 32,6 % e 41,2 %) manifesta sua satisfação.

A partir dos dados acima colocados, podemos concluir que os egressos da FAEEBA, formados em 1989 e 1990, dispõem de um ampla experiência, adquirida, em muitos casos já durante o curso, como professores em sala de aula, no 1º Grau da rede pública de ensino. Apesar de não satisfeitos com a remuneração, eles se sentem realizados do ponto de vista profissional e pessoal. Deste modo, a opinião dos egressos sobre a relação teoria-prática no curso de pedagogia deve ser entendida dentro do contexto da sua convivência diária com a educação escolar.

### 3. Teoria e prática no curso da FAEEBA

A avaliação dos dois aspectos essenciais do curso da FAEEBA, ou seja, de um lado, a teoria pedagógica, de outro lado, a prática pedagógica, caracteriza perfeitamente a opinião dos egressos referente à presente problemática (Tabela 6).

Tabela 6 - Opinião dos egressos sobre os dois aspectos básicos do curso da FAEEBA - Salvador, 1991.

OPINIÃO	TEORIA PEDAGÓGICA		PRÁTICA PEDAGÓGICA	
	Nº	%	Nº	%
Excelente	14	28,0	1	2,0
Bom	31	62,0	31	62,0
Regular	5	10,0	14	28,0
Deficiente	-	-	4	8,0
TOTAL	50	100,0	50	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

Podemos dividir as opiniões em dois grandes grupos: as opiniões favoráveis (excelente e bom) e as desfavoráveis (regular e deficiente). Assim, quanto à "Teoria Pedagógica", as opiniões favoráveis somam 90,0%, entre os quais 28,0% acham o curso "excelente", contra apenas 10,0% de opiniões desfavoráveis, sendo que dentro deste grupo não existe ninguém que escolheu a alternativa "deficiente". É uma prova evidente do alto valor atribuído aos conteúdos teóricos do curso da FAEEBA.

Em relação à "Prática pedagógica", porém, as avaliações favoráveis somam apenas 64,0 %, sendo que somente um ex-aluno (2,0 %) considera o curso "excelente" neste aspecto. As opiniões desfavoráveis sobem para 36,0%,

entre as quais 8,0 % avaliam o curso como “deficiente”. No aspecto da prática constata-se, pois, uma restrição ou até uma avaliação negativa do curso.

Esta dualidade entre o aspecto teórico e o aspecto prático revela-se ainda mais claramente na opinião dos egressos, quando foram perguntados se o curso da FAEEBA procurava aliar Teoria e Prática no que se refere à Práxis Pedagógica (Tabela 7). Uma boa parte, ou seja 44,0%, respondeu afirmativamente. Mas, a maioria opina que esta união entre Teoria e Prática se realiza apenas parcialmente (48,0 %), ou não se realiza (8,0 %).

Tabela 7 - Opinião dos egressos: se o curso da FAEEBA procura aliar Teoria e Prática, no que se refere à Praxis Pedagógica - Salvador, 1991.

OPINIÃO	Nº	%
Sim	22	44,0
Não	4	8,0
Apenas parcialmente	24	48,0
TOTAL	50	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

A pergunta foi acompanhada por um pedido de explicação. Os que responderam “sim” explicam, na maioria dos casos, que, apesar das dificuldades, o curso tentou e conseguiu fazer a união entre a teoria e a prática. Isto aconteceu particularmente no estágio supervisionado. Assim escreve uma ex-aluna: “Levando-se em consideração a nova proposta educacional a que ela se destina, e o estágio supervisionado, baseado nesta proposta, ela atinge este objetivo, isto é, aliar teoria e prática.”(S89/5). Outros escrevem: “A prática e a teoria andam lado a lado. Portanto, a FAEEBA cumpriu bem seu papel”(P90/6), e “Existe um discurso teórico-prático e depois a prática propriamente dita, o estágio” (P90/9). (12)

Mas, mesmo neste primeiro grupo, há seis alunos que expressam suas restrições a respeito da união entre teoria e prática no curso da FAEEBA. Como por exemplo: “tentar tentam, embora nem sempre consigam”(P89/8), ou: “a união prática X teoria deixou muito a desejar” (S89/12). Concretamente, eles se



queixam dos professores, “que teorizam e não praticam” (S89/2), ou de alguns “professores de teoria sem prática de pré-escola”(P90/2).

Esta crítica ao professor que não conhece a prática de ensino na pré-escola e nas primeiras séries e, por isso, na opinião dos egressos, não teria condições de unir a teoria à prática, é um argumento várias vezes citado pelos que escolheram as alternativas “não” e “apenas parcialmente” (Vide tabela 7). Na opinião deste grupo, “os professores que lecionam as disciplinas práticas, não conhecem a prática de sala de aula no primário ou pré.”(P89/1). Outro explica que “a maioria dos professores tem um discurso totalmente contrário à sua prática pedagógica” (P89/11). Assim, na opinião deste grupo, uma parte dos professores não consegue aliar a teoria à prática e se limita a passar “informações e conhecimentos” (P90/12). Resultado: “Em algumas áreas a teoria está dissociada da prática” (P90/13); ou: “Algumas disciplinas são estudadas sem a preocupação de sua aplicação na prática”(S89/9).

A partir dos argumentos acima citados, chegamos a uma primeira conclusão muito importante. Os egressos da FAEEBA possuem uma idéia, ao mesmo tempo, precisa e concreta a respeito da relação entre teoria e prática no curso de pedagogia. Para eles, a prática pedagógica é a prática de ensino na sala de aula. Deste modo, a teoria pedagógica deve ter sua origem e fonte de inspiração na prática concreta do ensino e, ao mesmo tempo, ser direcionada para sua aplicação na prática escolar.

Os ex-alunos entendem que “quando não se sistematiza a integração entre teoria e prática, ambas caem no vazio.” (P90/13). Eles percebem, pois, a necessidade inerente do vínculo entre teoria e prática, sem o qual nenhuma das duas subsiste. Além disso, esta união deve, em primeiro lugar, ser realizada pelos próprios professores que ensinam no curso de Pedagogia. Deixar para os alunos, sozinhos, fazerem a ligação entre teoria e prática é sentido como uma prova de incompetência profissional. “Os profissionais competentes e conscientes o fazem. Os que não o são, mal passam informações e conhecimentos.”(P90/12).

É no estágio, realizado no último semestre do curso, que eles tiveram “um contato efetivo, prático, com a sala de aula,... muito curto, por isso deficiente”(P89/3). Para muitos egressos, a união entre teoria e prática só se realiza no exercício efetivo do ensino. Uma aluna cita uma experiência vivida no passado. “Em 1965, fiz um curso de Professor de Emergência patrocinado pelo INEP e ministrado na Escola Parque, durante um ano e meio. À medida que tínhamos a Metodologia das disciplinas, a aplicávamos em sala de aula. Essa práxis

nenhum curso realiza " (P89/6). No mesmo sentido, dois egressos opinam que a FAEEBA necessita urgentemente de um laboratório ou uma escola de aplicação, exatamente para aplicar a teoria na prática do ensino.

Deste modo, o estágio foi, na opinião dos egressos, o ponto culminante do curso, porque nele tiveram a oportunidade de aproveitar e aplicar os conhecimentos e metodologias, adquiridos nos semestres anteriores. Perguntados se, durante a realização do estágio na FAEEBA, houve um aproveitamento do referencial teórico na sua prática pedagógica, 84,0 % responderam afirmativamente, enquanto o restante se divide entre as alternativas "em parte" (10,0 %), "muito pouco" (2,0 %) e "não" (4,0 %) (Tabela 8).

O estágio supervisionado possibilitou uma verdadeira interação entre teoria e prática. De um lado, "o referencial teórico possibilitou o entendimento e compreensão da prática" (S89/11), dando "todo o sustento para realizar um bom estágio" (S89/12). De outro lado, a prática do estágio contribuiu para entender ou corrigir a teoria, pois "é nesse exato momento que você incorpora a teoria através da prática" (P90/2), e tenta "adequar a teoria à prática" (P90/3).

**Tabela 8** - O aproveitamento do referencial teórico na prática pedagógica, durante a realização do estágio na FAEEBA - Salvador, 1991.

<b>APROVEITAMENTO</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Sim	42	84,0
Em parte	5	10,0
Muito pouco	1	2,0
Não	2	4,0
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa de Campo - FAEEBA/UNEB

Para os egressos da FAEEDBA, a relação teoria-prática significa, concretamente, a aplicação da teoria na prática, no sentido de que a teoria orienta, “embasa”(P90/14) e “respalda” (S89/8) a prática. Assim escreve uma ex-aluna: “Tudo o que aprendi na teoria apliquei e aplico na prática. Sem o referencial teórico que adquiri, minha prática seria aleatória. “ (P90/6).

Por sua vez, a prática dá o suporte à teoria, por exemplo, quando se pode “verificar na prática os estudos piagetianos”(P90/11), o que dá a entender que a prática educacional não é somente a meta da teoria, mas também o critério da sua validade. “Procurei utilizar tudo que aprendi, embora a realidade de uma sala de aula nos faça modificar essa prática e nem sempre utilizar o referencial teórico aprendido”(P89/7).

#### **4. O Curso de Pedagogia e a Prática Profissional.**

A pergunta mais importante, em relação à presente problemática, trata do grau de aproveitamento do referencial teórico, adquirido no curso de pedagogia, na prática diária da profissão. Se no estágio supervisionado houve um aproveitamento quase total da teoria, o mesmo não acontece na atividade profissional atual dos egressos (Tabela 9). Quase dois terços, ou seja 60,0 %, declaram que não aproveitam o referencial teórico no exercício da sua profissão. Outros o fazem em parte (22,0 %) ou esporadicamente (10,0%). Uma minoria de 22,0 % declara que o aproveita integralmente.

**Tabela 9** - O aproveitamento, na atividade profissional atual, do referencial teórico adquirido durante o curso de pedagogia na FAEEBA - Salvador, 1991.

<b>APROVEITAMENTO</b>	<b>RAZÃO BÁSICA</b>	<b>Nº</b>	<b>% (1)</b>
Sim, integralmente		11	22,0
Não	- as condições de trabalho não permitem.	17	34,0
	- referencial teórico não adequado à realidade educacional	9	18,0
	- outras	4	8,0
	<b>SUBTOTAL</b>	<b>30</b>	<b>60,0</b>
Em parte	- as condições de trabalho não permitem	4	8,0
	- referencial teórico não adequado à realidade educacional	3	6,0
	- nem sempre sabe aproveitá-lo	4	8,0
	<b>SUBTOTAL</b>	<b>11</b>	<b>22,0</b>
Apenas esporadicamente		5	10,0

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

(1) As porcentagens foram calculadas sobre o total de egressos (50).

Para o não aproveitamento ou aproveitamento apenas parcial/esporádico, são citadas como causa, em primeiro lugar, as condições de trabalho. "As escolas não reúnem condições para trabalharmos de acordo com o que nós aprendemos" (P90/3). Ora é apontada a realidade da escola pública, "bem

diferente da filosofia de educação da FAEEBA" (P89/6), o que "nos impede de realizar um bom trabalho (P90/9); ora a causa é atribuída à escola particular, onde se trabalha com "classe alta..." e "problemas extra-classe interferindo..."(P89/10), ou porque "a direção desconhece o currículo por atividades"(P90/4).

A resistência da escola particular, onde "o ensino ainda é bastante tradicional"(P89/5), é também uma das principais queixas do grupo que não aplica o referencial teórico da FAEEBA, porque, na sua opinião, este não estaria adequado à realidade educacional na qual está atuando. Assim, "numa escola particular você segue programas prontos, implantados para toda a escola, você não tem liberdade de criar" (P89/7); "encontro resistência não só da direção, mas também dos professores que não estão abertos a mudanças." (S89/7). Vale dizer que os egressos entendem que a fundamentação teórica do curso deveria guardar estreita relação com a realidade educacional concreta, no que concerne às possibilidades de compreensão e de enfrentamento de tal realidade.

Apenas uma ex-aluna afirma aproveitar parcialmente o referencial teórico, porque procura "fazer uma adequação". Explica: "O curso da UNEB, na minha opinião - mais teoria que prática - não me dá segurança para pretender implantar uma reforma neste nível (em toda a escola); assim procuro modificar dentro do meu ambiente 'a sala de aula', fazendo adaptações ao que já existe."(S90/9). Esta "adequação" ou "adaptação" deve ser entendida como uma "revisão" do referencial teórico em função da realidade concreta da escola, onde se exerce a profissão. Não se trata de uma atitude conformista, mas de um movimento dialético entre teoria e prática.

O mesmo tema é citado por três dos onze egressos que afirmam aproveitar integralmente a teoria adquirida na FAEEBA. Assim escreve um dos egressos: "Apesar de assimilar integralmente, entretanto, tivemos algumas disciplinas em que o referencial teórico não retratava a realidade social, econômica e cultural vigente, portanto precisa ser revisto" (S89/8). O restante deste grupo aproveita a teoria na sua prática educativa, por exemplo: a teoria piagetiana (S90/12), o construtivismo (P90/12).

É preciso observar que a pergunta sobre o aproveitamento do referencial teórico se refere à atuação individual de cada um dos informantes. Isso talvez explique a atribuição do não aproveitamento a fatores externos, seja às condições de trabalho, seja à realidade educacional em que estão atuando.

Uma outra pergunta do questionário evita este caráter estritamente pessoal e trata, de modo genérico, das “causas do não aproveitamento integral do referencial teórico do curso da FAEEBA”, na opinião dos egressos. A Tabela 10 mostra como, ao lado das condições de trabalho, com 17 citações (34,0 %), aparecem agora, com número igual, causas que devem ser colocadas dentro da própria FAEEBA.

As condições de trabalho são as mesmas que já foram descritas na pergunta anterior: as condições gerais do ensino e a resistência da escola, direção e professores a qualquer inovação pedagógica. Aparece como tema novo a falta de classes de pré-escola, conseqüência da política educacional do Estado, a qual, ao mesmo tempo, impede o acesso aos cursos de magistério de 2º grau, onde poderiam atuar “na formação dos professores, ou seja no magistério, para que as idéias renovadoras pudessem ser amplamente trabalhadas” (P89/5). “Não existe um número suficiente de pré-escolas públicas onde os alunos egressos da FAEEBA possam atuar. Um melhor aproveitamento se daria na extensão dos conhecimentos a milhares de professores que não têm acesso à Faculdade.” (P89/11)

**Tabela 10** - Causas de não aproveitamento do referencial teórico da FAEEBA - Salvador, 1991.

<b>CAUSAS</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Condições de trabalho - Condições em geral	4	8,0
- A escola	10	20,0
- A política educacional	3	6,0
<b>SUBTOTAL</b>	<b>17</b>	<b>34,0</b>
A FAEEBA		
- O curso	9	18,0
- Os professores	4	8,0
- Os alunos	4	34,0
<b>SUBTOTAL</b>	<b>17</b>	<b>34,0</b>
Aproveitamento total	3	6,0
Trabalham em outra área	6	12,0
Sem resposta	7	14,0
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

Quanto à própria FAEEBA, como causa do não aproveitamento integral do referencial teórico na atuação profissional, podem ser apontados três aspectos: o curso da FAEEBA (9 citações), os professores (4 citações) e os alunos (4).

O curso da FAEEBA, na sua parte teórica, seria inadequado ao contexto social, ou seja, “haveria falta de articulação e praticidade dos conteúdos com a realidade real concreta”(S89/8). No mesmo sentido se afirma que “geralmente o referencial teórico é utópico para a clientela, a realidade educacional, social, política e econômica atual”(S90/13). Outra ex-aluna reconhece a importância do embasamento teórico, “porém, tem que se adequar ao conteúdo do contexto social em que esteja inserido”(P90/4). Deste modo, o trabalho docente de cunho sócio-crítico deve desenvolver, dinamizar e revelar o real concreto à luz dos conteúdos sócio-culturais.

O aproveitamento integral do referencial teórico seria prejudicado, também, pelas deficiências na parte prática do curso. Deste modo, “se houvesse a parte prática desde o início do curso, o aproveitamento seria melhor” (P90/5).

Os professores da FAEEBA, também, são apontados como causa do não aproveitamento integral de referencial teórico. São citadas: “A individualidade e falta de compromisso e às vezes de competência de alguns professores(...) que não fazem a relação teoria e prática ou que às vezes apenas têm um discurso dentro dos muros da UNEB/FAEEBA” (P90/10). Além da “falta de preparo ou falta de consciência” (P90/10), é citada a falta de experiência em sala de aula. “Se tivéssemos tido professores com prática em sala de aula com pré-escolar, com experiência no trato com a criança é que tenho isso nos fosse passado através da prática, talvez assim aproveitássemos melhor o referencial teórico.” (P89/9). A conclusão (item 6) voltará a tratar deste tema.

Mas, também os próprios egressos da FAEEBA são culpados. São citadas como causas: “incapacidade ou incompetência” (P90/3), “falta de comprometimento profissional” (P90/12), “insegurança em pôr em prática os conhecimentos adquiridos”P90/13) e “a não captação por parte do aluno da FAEEBA do referencial teórico, tendo assim dificuldades de colocá-lo em prática” (S89/2).

## 5. Sugestões.

Diante de tudo isso, os egressos da FAEEBA dão várias sugestões para melhorar, pelo menos no âmbito do curso, a relação entre teoria e prática. Estas sugestões podem ser classificadas numa ordem do mais genérico ao mais específico (Tabela 11).

Tabela 11 - As principais sugestões para a melhoria da relação teoria-prática no curso da FAEEBA - Salvador, 1991.

SUGESTÕES	Nº	%
Integração teoria e prática	9	18,0
Interdisciplinaridade	10	20,0
Ampliação da prática no curso	14	28,0
Ampliação do estágio supervisionado	7	14,0
Criação de escola-laboratório	13	26,0
TOTAL EGRESSOS	(50)	

Fonte: Pesquisa de campo - FAEEBA/UNEB

As sugestões mais genéricas se referem ao desejo de maior integração entre teoria e prática no curso. Assim, pede-se uma relação mais estreita entre as disciplinas do curso e a prática em sala de aula, como escreve uma ex-aluna: "que sejam estudadas disciplinas onde o professor possa aplicar os seus conteúdos em sala de aula" (S89/9). Outro egresso dá como sugestão: "Ensinar realmente o que se faz numa sala de aula, como é que se dá uma aula, como se planeja a aula, etc." (P89/5). Além disso, a prática pedagógica, ensinada na FAEEBA, precisa ser avaliada constantemente, "questionando-a e transformando-a" (S89/8), para que seja "coerente com a realidade enfrentada nas escolas" (S90/5 e 7). Neste sentido, um dos egressos acredita que muitos professores da FAEEBA possam aprender a prática educativa dos alunos, os quais se tornariam, assim, professores, acrescentando que "é esta troca que realmente deve existir entre professores e alunos, para um bom aproveitamento e para se efetivar realmente o processo educativo." (S89/2)



Uma série de sugestões assumem um caráter mais específico, quando destacam a importância da interdisciplinaridade. "A interdisciplinaridade, com a relação teoria e prática, ainda está no papel e, algumas vezes, apenas no discurso de alguns"(P90/10). Esta interdisciplinaridade deve se concretizar na articulação entre os docentes e discentes (P90/13, S90/9, P90/7 e 12), na união dos departamentos (P90/8), na integração e interligação entre as disciplinas, sobretudo entre as metodologias (P90/6) e os professores das metodologias (P90/2).

Outra classe de sugestões propõe a ampliação da prática no curso, ou seja, "atividades de campo em maiores proporções"(P89/7). Estas atividades são caracterizadas como "contato com as classes de pré-escola"(P89/1), "visitas", "observações "(P90/7), atuação nas escolas públicas "trabalhando com alunos e reciclando professores "(P90/11). Estas práticas pedagógicas deveriam começar "desde o 1º semestre" (P90/6 e 13) ou "desde o 5º semestre" (P90/6). (13).

Mais concreta, ainda, é a proposta de ampliar o período do estágio supervisionado, por exemplo, "a partir do 7º semestre"(S90/6 e 12).

Finalmente, treze egressos falam expressamente da necessidade de criar uma escola-laboratório, dentro do Campus I da Universidade, que possa funcionar como campo para estágio e atividades na área pedagógica. Assim escreve uma ex-aluna: "A área da UNEB é uma área enorme, ecológica, então sugiro que seja criada uma escolinha que funcione como laboratório, para que os próprios estudantes da FAEEBA não precisem ficar "atrás" de escolas e assim teríamos um maior aprofundamento entre teoria e prática." (P90/8). Outras denominações usadas são: escola-piloto e escola de aplicação.(14)

## **6. Conclusões para um início de debate.**

As propostas que foram apresentadas, para enfrentar o problema da relação entre teoria e prática no curso de pedagogia, fazem concluir que os egressos da FAEEBA procuram a solução, antes de tudo, na intensificação da parte "prática" do currículo, ou seja, na ampliação das atividades de campo e, especificamente, do estágio, que deveria ser realizado numa escola-piloto dentro do campus universitário. Outros ainda desejam um maior alcance prático das disciplinas e uma maior integração entre as disciplinas teóricas e práticas (interdisciplinaridade).

Uns poucos sugerem a necessidade de repensar o próprio conteúdo teórico e prático do curso, a partir e em função da prática do ensino em sala de aula, já que a maioria dos alunos já trabalha no magistério, durante seus estudos na FAEEBA (15), e a ela se destinam todos os esforços do curso.

A ênfase no aumento das atividades práticas é uma consequência lógica da própria avaliação do curso, como foi visto anteriormente: excelente no seu aspecto teórico e apenas bom no seu aspecto prático. De um lado, os egressos reconhecem o alto valor dos conteúdos teóricos. Eles tiveram o privilégio de descobrir pressupostos teóricos e metodológicos totalmente novos, o que lhes proporcionou uma mudança radical na sua visão de mundo e da prática pedagógica. Uma ex-aluna escreve "os conteúdos estudados na FAEEBA foram de grande importância para mim, pois mudei a visão ingênua que tinha anteriormente, passando a perceber como funcionam realmente as coisas na nossa sociedade." (S90/12)

A prática, porém, se mostra bem diferente. Se no curso da FAEEBA, apesar das suas falhas neste aspecto, o estágio supervisionado consegue realizar a união entre teoria e prática, na vida profissional a realidade mostra-se bem diferente daquilo que foi aprendido como referencial teórico no curso. Uma ex-aluna expressa bem o que quase todos sentem, quando escreve que o conteúdo estudado na FAEEBA "com certeza modificou a minha visão do mundo. O pior é que esse conhecimento só nos dá em certos momentos uma certa angústia, devido a nossa quase impossibilidade de mudança." (S89/4). Tendo aprendido que "educar" tem um alcance sócio-político, no sentido de "transformar" o homem e sua inserção no mundo, os egressos se sentem, de fato, impotentes para realizar tal tarefa. Por isso, o referencial teórico, adquirido no curso de pedagogia, se torna, para muitos, algo distante, sem aplicação imediata na sua atuação profissional.

Os egressos constatarem, assim, uma profunda dualidade entre o discurso teórico do curso e a prática concreta do ensino. Esta dualidade se manifesta não somente na oposição entre os conteúdos aprendidos na Faculdade e as condições de trabalho que enfrentam como professores em sala de aula, mas também dentro do próprio curso de pedagogia, quando se queixam da dissociação entre teoria e prática, da falta de articulação entre as disciplinas e do desconhecimento dos professores da FAEEBA em relação ao ensino no Pré-escolar e nas Séries Iniciais.

É importante observar que a dicotomia entre teoria e prática é uma constatação feita pelos alunos a partir da sua percepção da realidade. A dicotomia não está na sua visão referente ao problema e sim na realidade, enquanto vivida por eles. Através dos depoimentos acima citados, pode-se verificar como, para os ex-alunos da FAEEBA, a prática do ensino em sala de aula, dentro do contexto social global, precisa ser o ponto de partida e de chegada da teoria pedagógica do curso.

É exatamente neste ponto que se concentram as críticas dos egressos, no sentido de que os conteúdos do curso não estariam suficientemente conectados com a prática concreta do ensino e da aprendizagem em sala de aula, no contexto mais amplo da realidade educacional. Para não deixar dúvidas quanto à necessidade primordial desta interação entre teoria e prática, os egressos insistem em que o contato com a prática deve acontecer “desde o início” do curso.

Nesta perspectiva, o fato de que, ao longo do curso da FAEEBA, a maioria dos alunos já atua como regente em sala de aula, torna-se uma vantagem importante. A prática pedagógica já está, de certo modo, presente dentro do próprio curso. Basta trazê-la à tona, tematizá-la em proveito do conteúdo teórico do curso. Assim, deixa de ser importante o fato de que uma parte dos professores da FAEEBA não passou pela experiência do ensino na Pré-escola e nas Séries Iniciais. As queixas dos egressos a este respeito são a consequência da falta de oportunidade de colocar e discutir, no decorrer do curso, sua própria prática pedagógica, inclusive suas dificuldades, suas dúvidas e deficiências.

Esta interação entre teoria e prática, “desde o início” do curso, deve se realizar em várias etapas: na organização curricular (a proposta básica do curso, as matérias e disciplinas, o fluxograma, as ementas, etc.) e, posteriormente, na implementação da proposta do curso a nível de departamentos e áreas. Mas, é sobretudo nas aulas, no contato direto entre professor e alunos, que se deve estabelecer o intercâmbio permanente de conceitos teóricos e experiências práticas, de acordo com a natureza de cada disciplina. As sugestões, aqui apresentadas pelos egressos, são apenas uma amostra daquilo que pode ser feito. Cabe às diversas instâncias do curso, o colegiado, os departamentos, as áreas e os professores, tomar a iniciativa para discutí-las com os alunos, descobrir sua validade e viabilidade e executá-las.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Vide: **Pedido de Autorização do curso da FAEEBA**. Salvador, 1983 (texto mimeografado).
- (2) CANDAU, Vera Maria e LELIS, Isabel Alice. **A relação teoria-prática na formação do Educador**. In: CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova Didática**. Petrópolis, Vozes, 1989, Págs. 49 - 63.
- (3) CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo, Brasiliense, 1980, pags. 81 - 82.
- (4) VASQUES, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pag. 241.
- (5) CANDAU, o.c, pág. 57.
- (6) Idem, ibidem, pág. 59
- (7) Idem, ibidem, pág. 60.
- (8) Um exemplo da distância entre a proposta do curso e a sua aplicação prática pode ser encontrado na questão da interdisciplinaridade. No curso de Pedagogia da FAEEBA, a ementa das disciplinas PROJETO I, II e III prevê o engajamento dos alunos em projetos de pesquisa ou extensão em andamento nas diversas áreas da Faculdade, sob a coordenação dos professores. Na realidade, porém, este engajamento não acontece, por diversos motivos, os quais, por falta de espaço, não podem ser analisados aqui. A solução encontrada foi a organização dos alunos, por equipes, em torno de projetos de pesquisa, por eles mesmos elaborados e implementados. De qualquer modo, ficou muito mais difícil a aplicação concreta da interdisciplinaridade, uma das propostas básicas do curso da FAEEBA.
- (9) Em relação ao emprego dos egressos (8,0 % desempregados), a relação entre o universo (103) e a amostra (50) permite um nível de confiança nos dados da pesquisa de 95,4 %, com uma margem de erro de 5,5%. Vide: RICHARDSON, Roberto Jarry e Colaboradores. **Pesquisa Social, Métodos e Técnicas**. Atlas, São Paulo, 1985, págs. 116-126. A amostra foi estratificada (25 para cada uma das duas habilitações: Pré-Escolar e Séries Iniciais) e sistemática (os nomes foram indicados de 2 em 2, na lista alfabética, fornecida pela Secretaria Acadêmica da Faculdade).

- (10) A pesquisa "OS EGRESSOS DA FAEEBA" teve a colaboração de quatro alunos, que atuaram como estagiários nas diversas etapas do trabalho: elaboração do projeto, aplicação dos questionários, apuração e listagem dos dados, tabulação e análise, relatório. Os alunos são: Hildelita de Sá Santos, Mary Lúcia Requião Ferreira, Gina Moraes Rêgo Rodrigues de Souza, Genilda Nascimento Silva.
- (11) A fim de ampliar o campo de trabalho dos egressos da FAEEBA, foi introduzida, em 1992, uma nova Habilitação, em Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau.
- (12) A citação das respostas abertas é acompanhada pelo código de identificação do questionário. Este contém três elementos: 1) a habilitação: P = Pré-Escolar, ou S = Séries Iniciais; 2) o ano de formatura: 89 ou 90; 3) o número de ordem por habilitação e ano.
- (13) Todas as Metodologias incluem, atualmente, no seu plano de aula uma série de atividades de campo.
- (14) O Colégio Governador Roberto Santos, da rede estadual, situado próximo ao Campus I da UNEB, é o campo de estágio para os alunos da Habilitação em Séries Iniciais.
- (15) A pesquisa "OS ALUNOS DA FAEEBA" mostra como, em 1991/1, 52,6 % dos alunos matriculados trabalhavam na área educacional. Os dados mais recentes, de 1993/1, indicam o mesmo perfil.